



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

ANTONIO ADAILTON FERNANDES

ÉTICA, CULTURA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS DE UM NOVO TEMPO

SOUSA, PB

2014

ANTONIO ADAILTON FERNANDES

ÉTICA, CULTURA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS DE UM NOVO TEMPO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas pela Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com o Governo do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Orientadora: professora mestra Rosimar Socorro Silva Miranda

SOUSA, PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363e Fernandes, Antonio Adailton
Ética, cultura e educação, desafios de um novo tempo
[manuscrito] / Antonio Adailton Fernandes. - 2014.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade
Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e
Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Rosimar Socorro Silva Miranda,
PROEAD".

1.Ética. 2.Conhecimento humano. 3.Cultura. 4.Educação. 5.
Desafios. I. Título.

21. ed. CDD 370.1

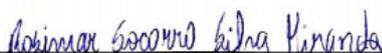
ANTONIO ADAILTON FERNANDES

ÉTICA, CULTURA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS DE UM NOVO TEMPO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas pela Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com o Governo do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Banca Examinadora

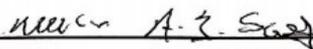
Aprovado em 06 / 12 / 14



Presidente – Rosimar Socorro Silva Miranda



Membro 1- Ana Alice Rodrigues Sobreira



Membro 2 – Marcos Antonio Barros

Dedico este trabalho a Deus, que em sua infinita sabedoria nos criou e nos dotou de dons capazes de transformar a realidade para construção de um mundo melhor.

Agradecimentos

- A toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.
- Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas.
- À professora e coordenadora do curso, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.
- A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

RESUMO

Esta monografia trata de uma pesquisa acerca dos desafios enfrentados pelos educadores em tempos atuais em lidar com uma gama de informações e mudanças no panorama ético e cultural de nossa realidade e procura de uma forma sucinta integrar conceitos e minimizar as distâncias existentes entre os diversos conhecimentos que necessitam ser transmitidos às futuras gerações, seja talvez um desafio legítimo, uma questão significativa a ser levada em consideração nas atuais discussões sobre a construção de conhecimento humano. Neste contexto de ânsia por reestabelecer relações indissociáveis, trazemos a tona neste breve trabalho, uma discussão sobre a necessária relação que deve existir entre a ética, a cultura e a educação nos tempos atuais. Dentro das concepções que iremos discutir mais adiante, veremos que ética, cultura e educação, têm papel importantíssimo, no atual cenário de mudanças e de processos vertiginosos que embaralham e dificultam o entendimento de algumas questões sociais e até mesmo dificultam uma descrição precisa e concreta sobre o atual estado inquietação da sociedade. Tal fato torna cada vez mais difícil posicionamos diante de determinadas situações cotidianas e ainda decidir quais relações devem se reestabelecer entre o conhecimento e a tecnologia. Assim o presente trabalho terá como principal objetivo elucidar alguns dos principais conceitos acerca da cultura, da ética e da educação, criando assim subsídios que posteriormente servirão para que possamos apontar a inter-relação existente entre a ética, a cultura e a sociedade, bem como seus principais desafios dentro do contexto atual. Para tal, utilizou-se como forma de metodologia uma abordagem comparativa por meio de pesquisas bibliográficas como à principal ferramenta para levantamento de dados. O método de análise será comparativo e descritivo, visando uma análise das diferentes teorias descrita pelos autores sobre o tema proposto.

Palavras-chaves: Ética. Conhecimento Humano. Cultura, Educação e Desafios.

ABSTRACT

FERNANDES, Antonio Adailton. Ethics, Culture and Education: challenges of a new time, Sousa - 2014

This monograph is a research about the challenges faced by educators in current times in dealing with a range of information and changes in ethical and cultural landscape of our reality and looking for a succinct way to integrate concepts and minimize the distances between the various existing knowledge need to be passed on to future generations, is perhaps a legitimate challenge, a significant issue to be taken into account in the current discussions about the construction of human knowledge. In this context of anxiety to restore inseparable relations, we bring to light this short work, a discussion of the necessary relationship that should exist between ethics, culture and education in modern times. Within the concepts that we will discuss later, we see that ethics, culture and education, have very important role in the current scenario changes and dizzying shuffle and processes that hinder the understanding of some social issues and even hinder an accurate description and concrete on the current state caring society. This fact becomes increasingly difficult positioned on certain everyday situations and decides which should restore relations between knowledge and technology. Thus the present work will be aimed to elucidate some of the main concepts about culture, ethics and education, thus creating subsidies that later serves so we can point out the interrelationship between ethics, culture and society, as well as its main challenges within the current context. To this end, we used as a form of methodology a comparative approach through literature searches as the main tool for data collection. The analysis method is comparative and descriptive, seeking a review of the different theories described by the authors on the theme.

Keywords: Ethics. Human Knowledge. Culture, Education and Challenges.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

ÉTICA, CONCEITO E ETIMOLOGIA DA PALAVRA.....	13
---	-----------

Ética e moral.....	14
---------------------------	-----------

As transformações éticas no processo histórico.....	15
--	-----------

CAPÍTULO II

CULTURA E DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	23
--	-----------

A evolução cultural e o desenvolvimento humano.....	24
--	-----------

A cultura no século XXI.....	25
-------------------------------------	-----------

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DO SUJEITO	27
---	-----------

Educação e Cultura.....	28
--------------------------------	-----------

CAPÍTULO IV

ÉTICA, CULTURA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS DE UM NOVO TEMPO	31
---	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
---	-----------

INTRODUÇÃO

Integrar conceitos e minimizar as distâncias existentes entre os diversos conhecimentos que necessitam ser transmitidos às futuras gerações seja talvez um desafio legítimo, uma questão significativa a ser levada em consideração nas atuais discussões sobre a construção de conhecimento humano. Neste contexto de ânsia por reestabelecer relações indissociáveis, trazemos a tona neste breve trabalho, uma discussão sobre a necessária relação que deve existir entre a ética, a cultura e a educação nos tempos atuais.

Dentro das concepções que iremos discutir mais adiante, veremos que ética, cultura e educação, têm papel importantíssimo, no atual cenário de mudanças e de processos vertiginosos que embaralham e dificultam o entendimento de algumas questões sociais e até mesmo dificultam uma descrição precisa e concreta sobre o atual estado inquietação da sociedade. Tal fato torna cada vez mais difícil posicionamos diante de determinadas situações cotidianas e ainda decidir quais relações devem se reestabelecer entre o conhecimento e a tecnologia.

Alguns dos principais conceitos filosóficos sobre o que é ética, cultura e educação, apesar bem conceituadas, não estão diretamente voltados para uma execução prática de suas definições. O que queremos dizer com isso é que embora o conceito de cultura, ética e educação estejam bem definidos para vários campos de pesquisa, o emprego de tais conceitos de forma prática dentro do desenvolvimento intelectual e da sociedade não tem se configurado de forma clara e objetiva.

Em um breve conceito sobre ética podemos afirmar que esta de acordo com Marconi (2002) não apenas representa o instrumento fundamental para a instauração de um viver em conjunto, como serve de alicerce à construção do espaço da política. A ética dentro de suas limitações, está pautada nos valores e princípios que devem reger decisões e estabelecer padrões dentro das condutas de comportamento das sociedades deve estar essencialmente associada a ao desenvolvimento e ao progresso não podendo deste modo estar dissociada da cultura, da sociedade e da educação.

Por outro lado, a cultura como um conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização, mostra-se como ponto central para o delineamento de condutas éticas.

Portanto, a ética deve estar presente nas diversas manifestações culturais a se fazer conhecer: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos e de formas de organização social. De acordo com Taille (2004): “o *ethos* não apenas representa o instrumento fundamental para a instauração de um viver em conjunto, como serve de alicerce à construção do espaço da política.”.

Buscando ainda estreitar as relações que se estabelecem entre os três conceitos que serão discutidos aqui, podemos citar um trecho de Immanuel Kant onde o mesmo diz que:

Não há ninguém que, tendo sido abandonado durante a juventude, seja capaz de reconhecer na sua idade madura em que aspecto foi descuidado, se na disciplina, ou na cultura (pois que assim pode ser chamada a instrução). Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem. A falta de disciplina é um mal pior do que a falta de cultura, pois essa pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina.

Desse modo podemos assumir que a educação é o meio pelo qual os indivíduos das mais variadas culturas e civilizações podem se modificar e tornar-se civilizados. Desse modo estaríamos pensando de acordo com os. Falta dizer que, nos PCNs, ética é definida com base na dignidade do ser humano, na justiça, na solidariedade e no diálogo.

No entanto de acordo com (Delors, 1996, p. 45).

Neste aspecto, a educação enfrenta enormes desafios, e se depara com uma contradição quase impossível de resolver: por um lado, é acusada de estar na origem de muitas exclusões sociais e de agravar o desmantelamento do tecido social, mas, por outro, é a ela que se faz apelo, quando se pretende restabelecer alguma das “semelhanças essenciais à vida colectiva”, de que falava o sociólogo Emile Durkheim, no início deste século. Confrontada com a crise das relações sociais, a educação deve, pois, assumir a difícil tarefa que consiste em fazer da diversidade, um factor positivo de compreensão mútua, entre indivíduos e grupos humanos. A sua maior ambição passa a ser dar a todos os meios necessários a uma cidadania consciente e activa, que só pode realizar-se, plenamente, num contexto de sociedades democráticas.

Assim, o presente trabalho terá como principal objetivo elucidar alguns dos principais conceitos acerca da cultura, da ética e da educação, criando assim subsídios que

posteriormente servirão para que possamos apontar a inter-relação existente entre a ética, a cultura e a sociedade, bem como seus principais desafios dentro do contexto atual. Para tal, utilizou-se como forma de metodologia uma abordagem comparativa por meio de pesquisas bibliográficas como a principal ferramenta para levantamento de dados. O método de análise será comparativo e descritivo, visando uma análise das diferentes teorias descritas pelos autores sobre o tema proposto.

CAPITULO I

ÉTICA, CONCEITO E ETIMOLOGIA DA PALAVRA

As relações humanas dentro de uma sociedade são movidas através de leis e normas que regulamentam e direcionam todas as ações do homem, com objetivo de harmonizar sua convivência entre eles e os demais seres que os rodeiam, os quais necessitam para sua sobrevivência no cosmo. Por trás de tudo isso existe valores e princípios que promovem e dão sentido à vida, aos quais chamamos ética.

Palavra ética vem do grego *ethos*. A mesma, segundo Boff, (2003) pode ser escrita com e minúsculo (*ethos*), que significa morada, ou seja, abrigo permanente. E com E maiúsculo, (*Ethos*), que tem haver com os costumes, comportamento, ou seja, ação do homem no meio ambiente em uma determinada cultura. Sánchez-Vásquez, (2003), em sua obra *Ética*, afirma que a palavra *ethos*, significa analogicamente “modo de ser” ou “caráter” e “costumes”, a mesma, para ele, é um modo de comportamento adquirido através de hábitos da manifestação, ou seja, ação do próprio ser.

A ética está pautada em valores, que atuam como normas e princípios no agir do homem em promoção da própria vida em grupo; assim, a mesma também tem a função de esclarecer, explicar e investigar uma determinada realidade, através da elaboração de conceitos e estudos profundos da conduta das pessoas, avaliados de acordo com princípios universais da natureza humana, em oposição às regras moralistas que violam a natureza humana e a vida saudável.

Nessa perspectiva, a ética apresenta-se como teoria da ação da conduta humana; que é concretizada através de virtudes no comportamento do homem, nas relações interpessoais; pois é a mesma que irá apontar, ou seja, revelar as reais necessidades de um determinado grupo social, com intuito de favorecer uma harmonia nas relações, através da ação moral correta e coletiva. Nessa perspectiva, afirma Sánchez-Vasquez:

[...] se a ética revela uma relação entre o comportamento moral e as necessidades e os interesses sociais, ela nos ajudará a situar no devido lugar a moral efetiva, real de um grupo social que tenha pretensão de que seus princípios e suas normas tenham validade universal [...] (2003, p. 20).

É bom frisar, que a ética não cria os padrões de comportamentos, mas a mesma atua como investigadora questionadora e orientadora do comportamento humano no seu processo histórico-sócio-cultural. Assim, afirma Boff em o *Ethos* Mundial: “Por *ethos*, entendemos o conjunto das inspirações dos valores e dos princípios que orientam as relações humanas para com a natureza, para com a sociedade, para com as alteridades, para consigo mesmo e para com o sentido transcendental da existência: Deus” (2003, p. 17).

Ética e moral

Percebemos que como essência das teorias e ações éticas, está à conduta moral e a visão de bem e mal, como agentes de construção de um correto comportamento humano. Sendo assim, faz-se mister, para continuidade do nosso trabalho, um pequeno aprofundamento de forma particular, a cada um desses termos.

A moral apresenta-se como um conjunto de normas, princípios e valores culturais, regulamentados e estabelecidos por leis, com objetivo de promover a harmonia e a realização do indivíduo como ser bio-psíquico-social. Mas, há uma variação desses princípios de uma realidade para outra; tudo isso tem muito haver com a realidade histórica de cada lugar. Sendo assim, a moral é sistemática e obedece as necessidades sociais de cada comunidade, apresentando variações e diferenças de uma para outra. Nessa ótica afirma Sánchez-Vásquez:

Por moral entendemos um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos numa comunidade social dada, o seu significado, função e validade não podem deixar de variar historicamente nas diferentes sociedades. Assim como umas sociedades sucedem de outras, também as morais concretas, efetivas, se sucedem e substituem umas às outras (2003, p. 37).

Sabemos que os valores morais variam de uma cultura para outra; e que esses valores, nascem da formação estrutural de cada realidade e a partir das necessidades de cada uma; assim, surgiram as teorias éticas, que servem como normas para atividades humanas. Acerca disso, pensadores como Boff, afirma: “todas as morais, por mais diversas, nascem de um transfundo comum, que é a ética” (2003 p.27-28).

Uma ação é considerada boa, quanto mais se aproximar da realização conjunta do ser como pessoa, e má, quando essa ação distanciasse do ideal de vida de determinado grupo. Neste sentido, afirma Santos: “Uma ação é julgada boa, porque justa, distribui o bem de maneira satisfatória; é má, porque injusta, distribui o bem de maneira insatisfatória, ou danosa à realidade humana” (2004, p.11).

É bom frisar, que essa ação boa ou má, está sendo explicitada e analisada de forma coletiva, mas ela pode ser também avaliada no âmbito particular, onde o ser busca sua auto-realização. Baseado nisso, surgiram varias teorias em relação ao que vem a ser algo bom ou mau, que para alguns teóricos, isso depende do valor da realização que cada coisa representa para mim; nesse sentido, o pensamento acaba que se particularizando. Para Sánchez-Vásquez, “As resposta sobre o que é bom varia, evidentemente, de uma teoria para outra; para uns, o bom é a felicidade ou o prazer; para outros, o útil, o poder, a autocriação de ser humano, etc.” (2003, p.18).

Já a ação ética, tem a ver com a finalidade de cada ação moral, ou seja, com o resultado dessa ação e com os fundamentos da própria ação humana, com objetivo de aprimorar a ação moral do homem, para atingir o mais alto grau de sua realização, como ser vivo que traz consigo desde seu desabrochar para vida, o questionamento do porquê de sua existência. Nessa ótica, Sánchez-Vásquez diz: “A ética poderá dizer-lhes, em geral, o que é um comportamento pautado por normas, ou em que consiste o fim – bom - visado pelo comportamento moral, do qual faz parte o procedimento do indivíduo concreto ou de todos” (2003, p.17).

Para compreendermos melhor a ação ética em nosso meio, precisamos fazer uma viagem histórica, desde as primeiras grandes civilizações, até nossos dias; onde o ser humano, se apresenta como agente de transformação do próprio meio em que ele vive a partir de si mesmo e seu contato com o cosmo.

As transformações éticas no processo histórico

Para entendermos essas transformações, faz-se mister, adentrar e conhecer os valores culturais, morais, da ação humana em cada período histórico; valores esses, que são defendidos por grandes filósofos, que procuraram de uma forma perspicaz adentrar no universo humano e questionar cada movimento e expressão do mesmo, em busca de verdades absolutas sobre o existir, no intuito de compreender o sentido de sua existência e qual o papel, ou seja, a função de cada um no cosmo. Os filósofos apresentaram através de teorias, depoimentos sobre normas culturais, que procuram harmonizar a ação do homem entre ele e os demais seres que o rodeiam; daí surgiram as primeiras teorias éticas.

Esses princípios eram apresentados em formas de leis universais. Sendo assim, Não seria exagero dizer que o esforço de teorização no campo da ética, se debate com o problema da variação dos costumes. E os grandes pensadores éticos, sempre buscaram formulações que explicassem, a partir de alguns princípios mais universais, tanto a igualdade de gênero humano no que há de mais fundamental, quanto às próprias variações. Uma boa teoria ética deveria atender a pretensão de universalidade, ainda que simultaneamente capaz de explicar as variações de comportamento, características das diferentes formações culturais e históricas (VALLS, 2005, p. 16).

Partindo do relato acima citado percebemos que o objetivo de teorização acerca da ética, era de fundamental importância também para explicar formas e mudanças de comportamentos do homem em sociedade, que levou o mesmo, a uma reflexão sobre a conduta moral, ou seja, a refletir sobre seu agir, no meio social.

Nesse período, podemos destacar grandes nomes como: Sócrates, Platão e Aristóteles. Os mesmos são considerados os precursores de novos pensamentos acerca da ética e responsável por mudanças nos paradigmas sociais, através de um despertar para uma nova consciência em relação ao ser, ao cosmo, suas relações entre si, seus valores e condutas com objetivo de favorecer entre ambos a busca pelo bem supremo absoluto.

Partindo de Sócrates (470-399 a.C), o pensamento ético, ganha uma nova roupagem, o mesmo, tornou-se o principal ponto de partida, do qual partiu todas as linhas do pensamento ético grego, e este, é considerado “fundador da moral”. Ele apresenta um pensamento não baseado apenas em leis exteriores, mas sim, na convicção adquirida a partir de seu interior. “conhece-te a ti mesmo”; o filósofo apresenta e expressa o sentido do bem e do mal, e que as ações e as virtudes, deveriam passar pela análise de cada um, a partir da observação do seu “Eu”, para então, perpassar através da conduta moral e a atingir o universal. Nessa perspectiva, afirma Mondin: “É evidente, portanto, que em cada homem há a noção ou o conceito de bem e de mal, em si mesmo, sempre igual, embora sua aplicação seja diversa” (1980, p.93). Isso nos mostra que o bem e o mal, podem se expressar em minhas ações particulares, que para ser éticas, não precisa ser coletiva, mas que a mesma, não leve apenas a um benefício próprio, e sim, coletivo.

Podemos dizer que a partir das reflexões socráticas, a ética encontra seu fundamento na própria natureza das coisas, principalmente do homem; e está presente na ação moral do

sujeito, fruto da consciência de cada um, pelo processo de interiorização e valorização da subjetividade. Assim, o teórico Mondin diz: “Sócrates não se satisfaz de pôr em exame os códigos morais habituais e verificar lhes a legitimidade. Ele vai mais além, interrogando-se sobre o fundamento último da moralidade enquanto tal. Desse modo, ele ultrapassa o problema crítico e aventura-se pelo teórico”(1980, p.93).

Dando continuidade ao nosso passeio histórico sobre a ética, percebemos que as reflexões gregas nesse campo, questionam a natureza do bem moral, em busca de valores absolutos para a conduta do homem.

Para Platão (427-347 a. C), discípulo de Sócrates, esse bem moral, estava na busca de um bem supremo que ultrapassasse o plano terreno; o caminho para chegar ao mesmo, estava na contemplação das ideias do bem.

A partir desse bem superior, o homem deve procurar descobrir uma escala de bens, que o ajude a chegar ao absoluto. O sábio não é então, um cientista teórico, mas um homem virtuoso, o que busca a vida virtuosa e que assim consegue estabelecer, em sua vida, a ordem e a harmonia e o equilíbrio que todos desejam. O sábio faz penetrar em sua vida e em seu ser, a harmonia que vem do hábito de submeter-se a razão. Dialética e virtude devem andar juntas, pois a dialética é o caminho da contemplação da ideia e a virtude é esta adequação da vida pessoal às ideias supremas (PLATÃO, apud. VALLS, 2005, p. 26).

Platão apresenta de uma forma bem explícita, uma dicotomia entre o real (matéria), e o ideal (razão), e certo desprezo pelo material, em que essa vertente, serviria apenas para aprisionar o homem e impedir sua plenitude em uma realidade suprema. Para o mesmo, o único caminho para chegar a esse estágio, seria o desprendimento do corpo para atingir o nirvana, ou seja, estágio de graças.

Percebemos que para Platão, as virtudes seriam as imitações da ordem celeste, que para o homem, as principais, se apresentam através da justiça, prudência, fortaleza ou valor e temperança. Isso só ocorreria, quando o homem conseguisse adequar a vida pessoal, as ideias supremas. Segundo Valls (2005), o que mais caracteriza a ética platônica é a ideia de sumo bem, da vida divina, da equivalência da contemplação filosófica em virtude da virtude, como ordem e harmonia universal.

Um dos grandes filósofos que também se destacou na construção teórica sobre a ética

foi o notável Aristóteles (384-322 a. C). Ele foi o primeiro a distinguir a ética da política, centrando a primeira, na ação voluntária e moral do indivíduo; enquanto a segunda, nas vinculações deste como comunidade.

Aristóteles apresenta uma ética voltada para uma ação concreta do homem. Sua ética, segundo Valls (2005), é finalista e eudemonista, quer dizer, marcada pelos fins que devem ser alcançados, para que o homem atinja a felicidade (eudaimonía). Para sermos mais claros, precisamos saber o que consistem os fins e os bens para Aristóteles e que caminho o homem deve percorrer para atingi-los.

Para o mesmo, os fins estão na realização do próprio ser, que é atingir a felicidade; e o bem maior se constrói através de vários bens, que são: a amizade, saúde, riqueza, beleza etc. Isso porque para Aristóteles, o ser do homem, se constitui no viver, em sua sensibilidade e na racionalidade.

Aí está o grande desafio para o homem, equilibrar-se nessas virtudes, para atingir o bem supremo, que é a felicidade. Aristóteles, em sua obra, *Ética a Nicômaco* afirma: “tanto o vulgo como os homens de cultura superior, dizem que esse bem supremo é a felicidade e consideram que o bem viver e o bem agir equivalem ao ser feliz” (2007, P.19).

Percebemos então, que para ele, uma atitude ética, consiste no bem agir, para atingir o bem supremo, “a felicidade”, o filósofo coloca acima de todas as virtudes, pois as mesmas tornam-se necessárias para atingir esse bem maior.

Parece que a felicidade, acima de qualquer coisa, é considerada como esse sumo bem. Ela é buscada sempre por si mesma e nunca no interesse de outra coisa; enquanto a honra, o prazer, a razão e todas as demais virtudes, ainda que a escolhamos por si mesmas, fazemos isso no interesse da felicidade, pensando que por meio dela seremos felizes (ARISTÓTELES, 2007, p. 25-26).

Ao apresentar a felicidade como um bem autossuficiente, Aristóteles mostra que esse bem absoluto, deve existir não para alguém solitário, mais para todos em geral. Já que o homem é um ser político. O mesmo procura através de sua teoria dar sentido a toda ação humana, centralizando o valor de todas as virtudes num único bem, dando sentido à existência humana, de uma forma clara e concreta, através do ser e do agir.

Percebemos então, que as teorias éticas passaram por uma série de especulações, em

um processo de aperfeiçoamento nesse período, que em síntese, afirma Valls:

Para os gregos, o ideal ético, estava na busca teórica e prática do bem, da qual as realidades mundanas participariam de alguma maneira, (Platão). Ou estava na felicidade, entendido como uma vida bem ordenada, uma vida virtuosa, onde as capacidades, superiores do homem, tivessem a preferência, e as demais capacidades não fossem, afinal, desprezadas, na medida em que o homem, ser sintético e composto, necessitava de muitas coisas, (Aristóteles). Para outros gregos, o ideal ético estava no viver de acordo com a natureza, em harmonia cósmica (2005, p. 43; 44).

Na Idade Média, vamos elucidar a ética na Europa, no período cristão do ocidente, onde o pensamento ético estava voltado para o pólo transcendental e a relação com os demais eram orientadas por leis divinas, com base nas interpretações bíblicas; o conhecimento teológico apresentava-se como fonte intelectual e guia para se atingir o plano divino. Ao olhar para si, o homem enxergou-se como filho de Deus, pecador, que estava a caminho da plenitude da vida, ou seja, do plano celestial, e essa vida, seria apenas uma passagem. Segundo Santos, “Ao medieval, parecia natural estar aqui de passagem, tanto que, ou homem “no atual estado” não se dava o nome próprio “homo”, mas “viator”, que significa peregrino, viajante, lembrando assim, a condição passageira neste mundo, rumo ao céu (2004, P.76)”.

Como consequência desse processo, o homem medieval filiou-se a uma instituição religiosa cristã, que estava voltada para uma conduta humana em busca da divindade, onde os primeiros passam de cada um, era conhecer a Deus, através da revelação cristã, para realizar a vontade divina, que estava alicerçada no princípio de caridade ao próximo, de amor e temor a Deus, como base de sustentação ética. As passagens bíblicas mais utilizadas, em que estão os dois principais mandamentos da lei cristã eram: “Amarás o Senhor teu Deus de todo coração e toda tua alma e de todo teu espírito. [...] Amarás teu próximo como a ti mesmo. Nesses dois mandamentos se resumem toda lei e os profetas” (MATEUS, cp. 22,37-40).

Com base nesse amor, o filósofo Santo Agostinho, enfatiza como essência da vida moral, “ama e fazes o que te aprouver”, o mesmo, apresenta o homem em uma realidade dualista, composta de corpo e alma. Para ele, a segunda, está sempre num processo de purificação rumo ao transcendente, (Deus). Santos citando Agostinho, afirma: “[...] porque nos criastes para vós, e nosso coração permanece inquieto enquanto não repousar em vós” (2004, p.79).

Também como representante dessa tendência ética, temos Santo Tomas de Aquino, que com base no pensamento aristotélico sobre a felicidade como bem supremo, apresenta nessa linha de pensamento, o conhecimento de Deus como posse do Bem Supremo, e que o caminho para atingir o mesmo, seria a contemplação das verdades reveladas, a fé como guia da razão e da caridade. Santos citando o mesmo, afirma: “a caridade, ato sublime de amor, é a centelha divina que habita o homem e o aproxima de Deus [...]” (2004, p.80).

No entanto, percebemos que o pensamento ético medieval, tem como base intelectual, os ensinamentos clássicos, em especial de Platão e Aristóteles.

Já na modernidade, a ação humana destaca-se através do individualismo, o materialismo e o real, como fundamento e fonte de conhecimento; e essa ação do homem passa a ser consigo mesmo. Em relação a isso, pensadores como Maquiavel e Guilherme de Ockham, evidenciam o valor do pensamento filosófico e desvincula do teológico, explicitando o poder ideológico que o mesmo apresenta; levando o homem a dúvida e a perda, em busca de um novo referencial.

No período subsequente, o homem olhou para “si mesmo” como a grande atração e a nova referência; o “mundo material”, um instrumento a seu serviço; os “outros”, como figuras úteis para o seu empreendimento e engrandecimento; a “transcendência”, Deus, como possibilidade racional ou poder paralelo (SANTOS, 2004, p. 81).

Com o aparecimento do pensamento iluminista, surgiram novos aspectos éticos; o interesse do homem por si mesmo, manifesta-se através de uma filosofia empirista em busca de descobertas científicas; com isso, desenvolveu-se a física, a química, a biologia, a ótica, a mecânica, a astronomia e a antropologia, etc. Ver-se então, que o antropocentrismo e a racionalidade é a base essencial da ética da modernidade.

Como incentivador desse ideal ético de autonomia individual, surgiu Emmanuel Kant, apresentando um critério de moralidade, baseado na autodeterminação, na racionalidade e liberdade do homem por si mesmo.

[...] o homem, como sujeito capaz de conhecer é ativo e está no centro, tanto do processo cognitivo, quanto do processo ético. O que um sujeito conhece é fruto de sua consciência. Também, pela mesma consciência, o sujeito dá si mesmo a sua lei, pois, capaz de ser consciente também de seu dever, o homem sente-se responsável pelos próprios atos. Essa consciência tem como pressuposto um homem livre (KANT apud SANTOS, 2004, p. 83).

Hoje, as teorias éticas difundem-se através de uma consciência coletiva. O estado passa a ser a instituição de referência, o mesmo, passa a decretar o que é bom e mau nas atitudes de cada um e isso faz com que o cidadão torne-se parte de um povo, de uma nação. O lema fruto da Revolução Francesa era: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, como normas essenciais para a vida em sociedade. A partir dessas mudanças, com as instalações das indústrias e os avanços técnico-científicos, houve grandes transformações nos costumes e conseqüentemente na forma de trabalho e nas relações sociais; passando assim o homem a ser questionado e conduzido pelas novas tendências éticas. Pois estas:

[...] reagem à concepção de homem abstrato, formal, em favor do homem concreto, histórico; reagem contra o homem puramente racional, em favor do reconhecimento da irracionalidade como parte do complexo humano; contra a fundamentação metafísica da ética, buscando tal fundamentação no próprio homem e em sua relação histórico-social (SANTOS, 2004. p. 87).

Diante de todo caminho percorrido pelos teóricos éticos até aqui, percebemos que houve alterações nessas teorias em cada período histórico. As mesmas buscaram corresponder às necessidades de cada época, em meio às transformações, mudanças de paradigmas, num processo de evolução que perpassa todas as gerações; ou seja, que vem desde as civilizações antigas, até os dias atuais; e hoje, se apresentam através da massificação, alienação, reificação e o consumismo desenfreado, que assolam nossa realidade, causando assim, uma grande perda de valores humanos.

No entanto, o sistema responde a tudo isso, apresentando novas formas de relações sociais de comportamento, deturpando os valores éticos, através de uma supervalorização do poder econômico; onde o homem passa a ser mais um produto, e seu valor está apenas na sua capacidade de produzir.

Mesmo diante dessa triste realidade, a ética hoje enfrenta um grande desafio; pois a mesma está na dimensão de toda ação humana, no exercício do ser, do agir e tem como ideal ser um veículo de promoção da vida, do bem estar do ser na sua totalidade.

Nessa perspectiva, a ética começa a dar sinais de complexidade, pois a mesma penetra em todo universo humano e material, que se apresenta através de novos paradigmas que surgem a cada dia, em cada período histórico, como por exemplo: na antiguidade, o homem

apresenta-se como questionador da sua própria existência e sua relação com o cosmo em busca de uma identidade como ser, nessa época a humanidade vive o “cosmocentrismo”.

Na idade média, o homem apresenta uma visão teocêntrica da realidade e age como ser dependente, ou seja, submisso a um ser superior, “Deus”, nessa época o homem vive a ética do “teocentrismo”. Na idade moderna, o homem atua como centro de tudo, o mesmo vive a ética do “antropocentrismo”, sua ação é criadora, ele se coloca como agente de transformação e produção; um ser independente. Hoje, na chamada pós-modernidade, esse homem apresenta-se como um ser autossuficiente, materialista, individualista e consumista. No entanto, todos esses paradigmas apresentado em cada contexto histórico, são responsáveis por novas teorias éticas, e como consequência disso, mudanças no comportamento humano e as transformações da qual dispomos hoje no meio social em que vivemos que surge de acordo com as necessidades que o mesmo apresenta a cada dia.

E nessa ótica Boff em sua obra *Ethos Mundial* (2003), nos mostra que em torno de cada paradigma, vivenciado pelo homem em cada período histórico, estavam voltados os valores éticos e culturais, e como consequência as relações sócio-políticas. Isso, para salientar que o homem é um ser de relações, mais relações bem complexas, fruto de sua estrutura de personalidade, ou físico-psicológicas que é extremamente complexa. Isso acontece, segundo o teórico Santos, por que: “o ser humano é essencialmente incompleto. É um projeto, cuja existência é um permanente processo de complementação. O humano no homem não é um dado biológico fixo, mais um patamar de existência a ser conquistado” (2004, p.07).

Vemos que toda ação ética correspondem às necessidades sociais e esta pautada em valores correspondentes e atuantes em cada época histórica, pra que a mesma possa atingir seus reais objetivos; que é estabelecer padrões de comportamento humano, no intuito de viabilizar uma relação de harmonia social de forma coletiva, garantindo assim o cumprimento de direitos e deveres de cada cidadão e suas realizações pessoais para que o mesmo possa viver de formar satisfatória como um ser bio-psíquico-social.

CAPÍTULO II

CULTURA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A história da humanidade é marcada por transformações decorrente de ações e relações do homem com o meio em que ele está inserido; pois o mesmo, por ser um animal racional dotado de uma capacidade uma capacidade lógica, acaba apropriando-se da realidade natural em sua volta coma finalidade de transforma-lo para sua sobrevivência no cosmos; assim afirma Santos:

O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organiza a vida social de se apropriar dos recursos naturais e transforma-lo de conceber a realidade e expressa-las (SANTOS, 1994, P.07).

Neste sentido, percebe-se que a força interna que move o ser humano para mudança, também é responsável pela complexidade que constituem as características socioculturais desse ser a partir desse ponto. O indivíduo mergulha em um universo que chamamos realidade cultural, assim afirma o pensador:

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam, (SANTOS, 1994, P.08).

Fica evidente que a cultura apresenta-se tanto individual como na diversidade, isso requer um olhar mais crítico para compreendermos a multiplicidades de povos, nações e grupos; que buscam viver de maneira que der significado a sua existência através de práticas que o caracteriza e os traz identidade. “Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações sociedades e grupos humanos” (SANTOS, 1994, P.08) “Assim cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedade e grupos humanos”.

Percebemos então que apesar de suas particularidades, a cultura abraça as ações humanas de forma coletiva, mesmo porque as mesmas resultam de conflitos e choque entre ambos, que muitas vezes fica difícil o estudo particular, pelo fato de que muitas das vezes trazemos traços culturais da diversidade fruto de nossa origem, ou seja, nossa constituição como povo, nação ou comunidade; assim afirma Santos: “Cada cultura é resultado de uma história particular e isso inclui também, suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes” (p.12,1994).

Dessa maneira, entendemos cultura como o acervo de praticas e conhecimentos advindos de gerações passadas como heranças para nossa realidade entre povos que permeiam toda nossa história e é transmitida de geração em geração e nos torna colaboradores desse processo de evolução por que passa a sociedade.

A evolução cultural e o desenvolvimento humano

Observando as culturas de diversas realidades sociais, percebemos de forma bem evidente um processo de evolução pelos quais tem passado a humanidade; e isso nos mostra que o homem é um ser com potencial para adaptação, transformação e comunicação; isso tem revolucionado sua vida e sua construção histórica. Não podemos esquecer que essa evolução depende também do contexto social em que está inserido o indivíduo, pela disponibilidade de recursos que o mesmo oferece, clima e necessidade dos quais passam cada realidade social, do seu potencial econômico e etc. Desta forma, percebemos que cada cultura apresenta sua verdade.

As concepções de evolução linear foram atacadas com a ideia de que cada cultura tem sua própria verdade e que a classificação dessas culturas em escala hierarquizada era impossível dada à multiplicidade de critérios culturais (SANTOS, p.14, 1994).

Na concepção de Santos, fica difícil classificar culturas através de juízo de valores já que cada um apresenta suas verdade e riquezas que se traduzem pela contribuição que cada um tem oferecido à humanidade no seu desenvolvimento científico, político e sociocultural. E essas mesmas culturas tem possibilitado o crescimento de organizações sociais que viabiliza o domínio do homem sobre a natureza gerando um arsenal de riquezas e possibilidades. Assim, afirma Santos:

A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidade de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza, (p.15, 1994).

Neste sentido, fica claro que cada cultura tem sua origem na história através da ação humana de domínio sobre a realidade local e assim torna-se necessário compreender o processo histórico e cada percurso percorrido pelo homem desde os primórdios, para entender a evolução e as necessidades que cada realidade se apresenta e a influência que se tem hoje dessas raízes culturais e o quanto isso facilita nossa vida no sentido de se programar para um futuro que nos espera cheios de desafios.

...o importante para pensarmos a nossa realidade cultural é entendermos o processo histórico que a produz as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade (SANTOS p.34, 1994).

Dessa maneira, percebemos que a cultura está diretamente ligada à realidade social do sujeito, sua relação com esse meio, no intuito de transforma-lo e manipula-lo. Nessa ação gera-se o que chamamos de conhecimento, que será transmitido de geração em geração, deixando um legado que deverá ser absorvido por gerações futuras e conseqüentemente melhorado para adaptar-se a cada realidade social.

Assim cultura passa a ser entendida como uma dimensão da realidade social, a dimensão não material, uma dimensão totalizadora, pois entrecorta os vários aspectos dessa realidade. Ou seja, em vez de se falar em cultura como a totalidade de características, fala-se agora em cultura como a totalidade de uma dimensão da sociedade, (SANTOS, P.41, 1994).

A cultura no século XXI

Com o advento da industrialização tecnológica a cultura ganha uma dimensão global. Surge nesse panorama a cultura da informação e comunicação, que de maneira assustadora foi desenvolvendo costumes e determinando comportamentos que alterou o ritmo da vida em sociedade e influenciou o indivíduo a mudança de hábito principalmente no consumo de bens e em sua relação socioeconômica.

Tais meios de comunicação não só transmitem informações, não só apregoam mensagens. Eles também difundem maneiras de se comportar, propõem estilos de vida, modos de organizar a vida cotidiana, de arrumar a casa, de se vestir, maneiras de falar e de escrever, de sonhar, de sofrer de pensar, de lutar e de amar (SANTOS P.69, 1994).

Nesse panorama, pode se falar em uma necessidade urgente de compreensão desta realidade cultural para melhor atuar no meio social e assim, nos preparar avançar a velocidade que caminha a sociedade e acompanhar esses passos principalmente no que se refere à educação, ou seja, na formação pedagógica. Pois o desenvolvimento humano passa pela formação acadêmica, ou seja, no desenvolvimento de suas potencialidades através do ensino-aprendizagem, para melhor atuar no meio sociocultural. Dessa maneira afirma, Santos:

Eles também difundem maneiras de se comportar, propõem estilos de vida, modo de organizar a vida cotidiana, de arrumar a casa, de se vestir, maneiras de falar e de escrever, de sonhar, de sofrer, de pensar, de lutar e de amar (p.69, 19994).

Fica evidente que quando falamos em cultura na atualidade, não nos restringimos apenas em meios de comunicação de massa, mas em todo o panorama ações e acontecimentos em que o ser humano está imerso; do qual ele mesmo desenvolveu. Compreender essa realidade é de fundamental importância para melhorar sua relação com o meio; hoje tão defasada, aterrorizada pela violência e descontrole social.

No entanto, a cultura na sociedade contemporânea não se reduz ao conteúdo dos meios de comunicação de massa, nem a lógica do funcionamento da indústria cultural, é necessariamente uma descrição da dimensão cultural da sociedade (SANTOS P.69, 1994).

Sendo assim, para que avancemos rumo a organização e o progresso nesse processo evolutivo que caminha a humanidade, faz-se mister, uma interação do ser com o meio em que ele está inserido; de forma organizada e aprofundada na essência do saber e do conhecer, para que os mesmos se respeitem em suas diferenças individuais e possa unir-se em causas nobres, como a promoção da paz em defesa da vida, cultivando a fraternidade e o amor mutuo.

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DO SUJEITO

Educação deriva do Latim educativo, do verbo ‘*educare*’, que significa (instruir, fazer crescer, criar), em sentido mais amplo, levar até determinado fim. Esse processo de extrema importância para o ser humano é diretamente responsável pelo seu desenvolvimento, como ser sócio-político-cultural e é indispensável para o seu crescimento como pessoa, cidadão dotado de potencialidades, capazes de promover a paz, liberdade e justiça. Assim, afirma Delors (2003, P.11): “... a educação surge como um trunfo indispensável a humanidade na sua construção das ideias de paz e da justiça social”.

Fica evidente que a educação e seus objetivos tem um papel fundamental na construção do ser e funciona como caminho que conduz indivíduo no seu desenvolvimento pessoal, viabilizando seu acesso e participação na sociedade, nas relações interpessoais, em seu contato com o mundo, tornando-o um ser de relações harmoniosas e autêntica, geradora de vida. Sendo assim, podemos afirmar que:

O papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um “remédio milagroso”, não como um “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduz a um desenvolvimento humano mais harmonioso mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões as gerar... (DELORS, 2003,P.11).

Isso denota a importância e responsabilidade do professor que está a frente desse processo educativo como mediador do conhecimento, com a responsabilidade de conduzir o discente em um vasto caminho, com intuito de ampliar seus horizontes viabilizando sua aprendizagem. Para isso, cabe ao educador desenvolver e compreender melhor os fundamentos epistemológicos de sua prática, pois:

Se o professor compreender melhor os fundamentos epistemológico de sua prática, qual seja se dominar mais profundamente como se da conhecimento, sua ação poderá ser muito mais eficaz e eficiente, terá condições de analisar criticamente sua prática, criar alternativas (VASCONCELLOS, 2003, P.147).

Partindo desse pressuposto, educar é uma escolha que exige ação e conhecimento para uma prática eficaz que traz consigo um poder de transformar a realidade humana, assim afirma (COSTA, 1999, P.24): Para o educador, a escolha da concepção sustentadora e dos instrumentos de seu trabalho não é uma escolha neutra. É uma escolha de si mesmo, enquanto educador, enquanto cidadão, enquanto homem.

Devemos ter em mente, que optar por ser professor e escolher qualquer corrente pedagógica é optar por uma concepção de homem, de mundo e de conhecimento. E em nenhum momento esquecer que esse homem depende de uma formação educacional que lhe torne capaz de compreender os diversos níveis socioculturais, assim afirma (COSTA, 1999, P.27): Concebemos o homem como ser capaz de assumir-se como sujeito da sua história e da História, agente de transformação de si e do mundo, fonte de iniciativa, liberdade e compromisso nos planos pessoal e social.

Nessa concepção o homem seria produto das relações sociais vigentes e também produtor dessas mesmas relações. Sendo a cultura um elemento importantíssimo que norteia as relações entre os indivíduos.

No entanto fica evidente a necessidade de compreender a realidade social-cultural do homem para melhor direcionar o processo de ensino- aprendizagem.

Educação e Cultura

É inevitável falar de educação sem falar de cultura, isso porque ambas estão intimamente ligadas e fazem parte de existência humana, por sermos seres racionais dotados de uma capacidade de memorização, aprendizado e consequentemente transformação. Essas capacidades juntas gera o que chamamos de cultura sendo assim:

[...] a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos (VEIGA-NETO apud HALL, 1997).

Nessa perspectiva, percebemos que a cultura acompanha todo nosso proceder existencial tornando significativo cada ação e acontecimento vivenciado por cada um. Mesmo porque essa vivencia é responsável.

Dentro de uma prática docente percebemos a que as diversas realidades socioculturais chamam bastante atenção pela forma de integrar o indivíduo na sua forma de pensar e em seu desenvolvimento intelectual, frente a uma gama de potencialidades a serem desenvolvidas.

Tendo plena consciência de que cada indivíduo é singular em seu modo de ser e estar e que características culturais tem influência direta no processo ensino-aprendizagem, assim afirma Vasconcellos (2003,p.147): Embora considere que a experiência de conhecimento em cada ser humano seja singular é possível reconhecer na espécie algumas características comuns no processo de conhecer (até porque o indivíduo é constituído socialmente).

Partindo desse pressuposto, a formação do discente depende também do meio sociocultural em que o mesmo está inserido, e isso deve ser compreendido pelo educador, para que o mesmo possa atuar como mediador do conhecimento de forma satisfatória, e que o ensino-aprendizagem se adequa a realidade do aluno.

Isso nos mostra, que o papel do educador deve ser muito mais vasto, para assim ampliar os horizontes do conhecimento para uma melhor atuação do professor; favorecendo o seu desenvolvimento e compreender melhor os fundamentos epistemológico de sua prática:

Se o professor compreender melhor os fundamentos epistemológicos de sua prática qual seja, se dominar mais profundamente como se dá o conhecimento, sua ação poderá ser mais eficaz e eficiente, terá condições de analisar criticamente sua prática criar alternativas, orientar os alunos com dificuldades, saber incorporar outras contribuições dentro de um princípio metodológico geral (VASCONCELLOS, 2003, P.147).

Neste sentido cabe ao educador buscar desenvolver potencialidades e compreender melhor a realidade para que esse conhecimento viabilize sua atuação e o mesmo seja capaz de transformar a realidade através de novas metodologias que favoreça a interação entre escola e comunidade melhorando assim a convivência e parceria entre ambos.

A escola é uma instituição de trabalho, de convivência e de vida. Portanto, na medida em que é um espaço de vida, recai sobre ela a necessidade de organizar os acontecimentos que fazem parte da vida das pessoas e da coletividade. Nesse sentido, não conseguimos imaginar uma escola que não seja ressonância das celebrações próprias da comunidade (PUIG, MARTIM, ESCARDIBUL, NOVELLA, 2000, P.38,39).

Fica evidente que a escola é reflexo da realidade social a qual está inserida, e deve buscar a cada dia trabalhar de forma coletiva os valores sociocultural presentes naquela realidade, com intuito de construir e desenvolver uma consciência altruísta para atingir a verdadeiro objetivo do educar.

CAPÍTULO IV

ÉTICA, CULTURA E EDUCAÇÃO, DESAFIOS DE UM NOVO TEMPO.

É incontestável a gama de desafios e dificuldades encontradas por todas as áreas de conhecimento no período atual, mas talvez nenhum desafio seja maior do que aquele encontrado no âmbito da educação, onde não somente os interesses inerentes aos objetivos educacionais estão presentes, mas também aqueles próprios à uma sociedade guiada por uma multiplicidade cultural. Vários destes desafios são provenientes da longa jornada épica vivida pela humanidade ao longo de sua existência e em virtude dos objetivos comuns a todas as nações.

Dentro do contexto atual; um contexto de desenvolvimento tecnológico, de globalização e ainda de uma educação planetária, como assim aponta Edgar Morin (1999). A ética e as culturas tem papel importantíssimo para o avanço e progresso de uma sociedade utópica ou no mínimo igualitária. Apesar de terem papel importante no desenvolvimento da humanidade ética e Cultura não tem tido o papel de destaque dentro das diversas discussões necessárias para que os objetivos comuns possam ser atingidos.

“Entendemos que os processos de transmissão de saberes presentes no universo da cultura popular, pautados por uma lógica diferenciada, pressupõem práticas pedagógicas também diferenciadas, baseadas numa outra concepção de tempo e espaço, que priorizam outro tipo de relação entre mestre e aprendiz (ou entre educador e educando), que enfatizam formas diferenciadas de sociabilidade, em que as formas simbólicas, a ritualidade e a ancestralidade têm papel fundamental e que assim privilegiam, nesse processo pedagógico, outro sistema de valores, que não aquele presente na prática educacional corrente em nossa sociedade.” Abib (2004, p 11-12)

Neste sentido a educação seria o único meio pelo qual seria possível articularmos a ética e a cultura em pro da sociedade e do desenvolvimento científico e tecnológico. No entanto é que se levar em consideração algumas adequações, que como o próprio autor expõem devem estar pautados em uma lógica diferenciada, em detrimento das diversidades culturais.

É possível dizer que as culturas evoluem, que as tecnologias evoluem, mas que, no entanto a educação, ou de certo modo os métodos empregados na educação, não evoluem. Tal aspecto dentro do processo de evolução de conhecimento é em parte fruto de discussões negligentes sobre a ética, que deveria guiar esse processo de evolução social, cultural e educacional.

Pensando em romper com este paradigma da dissociação dos conhecimentos e que gera divergentes opiniões quanto aos métodos empregados no ensino, é preciso que retomemos discussões de cunho epistemológico. Como o próprio termo indica, a epistemologia consiste em um estudo sobre a ciência tomada como sinônimo de conhecimento. É, portanto, uma teoria do conhecimento onde, busca-se analisar os pressupostos e os fundamentos do conhecimento científico.

A epistemologia como a ciência da ciência, deve além de outras coisas buscar um sentido e um significado para todas as coisas, além de guiar o entendimento dos porque e dos para que coisas surgem dentro das culturas e das sociedades. Será possível preparar o indivíduo para a instrumentalização, a humanização e a transcendência? Com que paradigma educacional? Com que ferramentas? Qual é o papel da educação na capacitação deste novo engenheiro para o século XXI?

A epistemologia deve guiar o pensamento crítico levando-nos a reflexões críticas não somente dos porque, mas também sobre a forma como os porquês e as respostas aos porquês são formulados. Esse conhecimento aprofundado dará oportunidade para que as sociedades e nações de todo o mundo possam definir dentro de suas políticas públicas e planos diretores os objetivos e as metas a serem alcançadas, que muitas vezes irão de diferenciar umas das outras em função das diferentes culturas.

“A tese dominante, segundo a qual a função da educação é o controle social em vez da emancipação do indivíduo é visível nas políticas educativas de vários países que usaram o ensino da língua, da cultura, dos símbolos e das crenças nacionais do grupo cultural ou étnico dominante como estratégias de harmonização nacional e social, numa clara tentativa de assimilação das identidades minoritárias, ameaçadoras do projecto liberal e da filosofia política emergente.” (Gonzales. 2010).

O que pretendemos com esta discussão é tão somente deixar claro a inter-relação existente entre os três principais conceitos amplamente discutidos aqui. Ética, Cultura e Educação se entrelaçam em vários pontos de discussões.

De acordo com Kant, *apud* Veiga-Neto (2003):

O homem deve, portanto:

1) Ser disciplinado. Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria.

2) Tornar-se culto. A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e essa é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos [...].

3) A educação deve também cuidar que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e que tenha influência. A essa espécie de cultura pertence o que se chama propriamente civilidade. Esta requer certos modos corteses, gentileza e a prudência de nos servirmos dos outros homens para os nossos fins [...].

4) Deve, por fim, cuidar da moralização [...].

Em suma, o principal desafio ao qual devemos nos referir é como guiar as atuais gerações para o futuro, sendo que mesmo este futuro para o qual nos preparamos necessita de um olhar aprofundado, pois não existe uma objetivação concreta ou de ideal generalizado entre as nações. Em seu livro *os sete saberes necessários para uma educação do futuro* Edgar Morin (1999), estabelece alguns dos principais objetivos e metas a serem levadas em consideração para uma educação do futuro: *As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão*, *Os princípios do conhecimento pertinente*, *Ensinar a condição humana*, *Ensinar a identidade terrena*, *Enfrentar as incertezas*, *Ensinar a compreensão*, *A ética do gênero humano*.

Ainda de acordo com o autor a educação do futuro exige um esforço transdisciplinar que seja capaz de rejunta ciências e humanidades e romper com a oposição entre natureza e cultura. Edgar Morin, expõe em seu livro um desafio cognitivo a todos os pensadores empenhados em repensar os rumos que as instituições educacionais terão de assumir, se não quiserem sucumbir na inércia da fragmentação e da excessiva disciplinarização características dessas últimas décadas.

No cerne de nossa discussão central, podemos dizer ainda que, as diferenças de conceituação entre os termos não se configura em um desafio, mas mostra-se como um

problema a ser enfrentados, visto que diferentes definições podem criar diferentes pensamentos quanto ao que seria mais importante em termos instruções para a transmissão de conhecimentos. Para Ricoeur também faz a diferença entre moral e ética: “é por convenção que reservarei o termo ética para a procura de uma vida boa e o de moral para a articulação entre esta perspectiva e as normas caracterizadas ao mesmo tempo pela pretensão à universalidade e por um efeito de coação. (1990, p. 200)”

A exemplo do que foi dito acima, podemos citar que com frequência a ética é tida somente como regras de convivência e não como virtude ou como felicidade. Tais distinções entre os termos além de colocar em análise a função a ser atingida pela utilização e emprego dos termos: Ética, Cultura e Educação podem dificultar o delineamento de metas e objetivos a serem atingidos nas três instâncias aqui discutidas.

Como forma de considerações finais, pode-se estabelecer que, talvez algumas das principais propostas para a superação das dificuldades discutidas neste capítulo estariam nas propostas de Edgar Morrin, onde o mesmo aponta que precisamos reaprender a juntar a parte e o todo, o global e o planetário, e enfrentar os paradoxos que o desenvolvimento tecnoeconômico trouxe consigo. Ética, cultura e educação devem mais do que nunca estar em voga em todas as discussões sobre os desafios dos novos tempos, visto que somente através da religação entre estes três conceitos, seremos capazes de analisar nossos constructos sociais, buscando a superação dos desafios de nosso tempo e acima de tudo poderemos repensar nossa existência e nossos feitos históricos como espécie humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

384-322 A. C. ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco**. Alianza, 2002.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Sextante, 2003.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **A presença da Pedagogia: métodos e técnicas de ação socioeducativa**. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Senna, 1999.

DE LA TAILLE, Yves; DE SOUZA, Lucimara Silva; VIZIOLI, Letícia. **Ética e educação: uma revisão da literatura educacional de 1990 a 2003**. Educação e pesquisa, v. 30, n. 1, p. 91-108, 2004.

Delors, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. – 8. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF:MEC: UNESCO, 2003.

DIAS, Rosa. **Cultura e educação no pensamento de Nietzsche**. Revista IMPULSO, Piracicaba/SP, v. 12, n. 28, p. 1-200, 2001.

GONÇALVES, Susana. **Desafios a educação e sistemas educativos contemporâneos**. Revista Iberoamericana de Educación, n. 54/4, p. 15, 2010.

KANT, Immanuel, (1996). **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP. Tradução de Francisco Cock Fontanella.

MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica**. São Paulo: Paulinas, 1980.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: Cortez, 2000.

PEQUENO, Marconi. **Ética, educação e cidadania. Educação em Direitos Humanos**, 2003.

RICOEUR, P. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.

SAGRADA, Bíblia. tradução dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica), pelo Centro Bíblico Católico. **São Paulo, Ave Maria**, 1996.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. México, DF: Grigalbo, v. 61, 1969.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Ética: caminhos da realização humana**. São Paulo: Ave Maria, 1997.

VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. **O que é ética**. Brasiliense, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, 1956. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. 5ª ed. / Celso dos Santos Vasconcellos. – São paulo: Libertad, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Culture, cultures and education. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 5-15, 2003.